

“A investigação dá-me a oportunidade de mudar o mundo para melhor”

À CONVERSA COM ISA MONTEIRO JOVEM CIENTISTA/INVESTIGADORA VALECAMBRENSE

Isa de Pinho Monteiro é natural de Vale de Cambra, onde residiu e estudou até entrada no Ensino Superior, em 2002. Em 2009, e no âmbito do seu doutoramento em Bioengenharia, área de conhecimento de Medicina Regenerativa e Células Estaminais, começou a desenvolver investigação científica no conceituado Massachusetts Institute of Technology (MIT), considerado por vários rankings internacionais a melhor universidade do mundo, tendo depois sido convidada a continuar o seu projeto na também prestigiantes Harvard Medical School (HMS).

À conversa com o jornal A Voz de Cambra, a jovem valecambrense conta como, começando por ser estudante voluntária para colaborar em projetos de investigação aplicada e clínica, traçou depois o seu caminho na área da Engenharia Biomédica, primeiro a tratar tumores cerebrais na Alemanha e depois na área da Medicina Regenerativa nos E.U.A. A jovem valecambrense diz que seguiu a área da investigação porque esta lhe dava a possibilidade de “mudar o mundo para melhor”. No país das oportunidades, Estados Unidos, já colaborou com os mais conceituados cientistas desta área e admite que partilha com alguns deles, da ideia de que “a Ciência não é mais do que uma ferramenta que nos foi concedida para entendermos a grandiosidade da vida e da natureza”. Para além de algumas personalidades, bem conhecidas do mundo científico, Isa Monteiro recorda também aqui nesta entrevista, o saudoso Dr. Manuel Luciano da Silva, com quem privou acerca de assuntos relacionados com a investigação e a quem aqui presta homenagem. A valecambrense diz querer aproveitar a sua juventude para aprender sempre mais em outras partes do mundo e deixa uma mensagem aos jovens de hoje: “apesar de uma pesada herança de dificuldade económica e incerteza face ao futuro, os jovens têm de perceber que está nas suas mãos a possibilidade de mudar”.

Cristina Maria Santos
cristinavozdecambra@gmail.com

Qual o percurso que fez até chegar à considerada “melhor universidade do mundo”?

Foi muito normal. Sempre estudei em escolas públicas, tendo passado pela escola primária Sede de Vale de Cambra, depois a EB2,3 do Búzio e, depois, completado o 12º ano na Escola Secundária de Vale de Cambra. Na altura de escolher que curso seguir a nível do ensino superior, eu sabia que tinha interesse em Medicina, mas também gostava muito de Inovação e Empreendedorismo. Na verdade, sempre fui bastante empreendedora e precisava de algo que me aliciasse a tomar iniciativas e a criar. O Mestrado Integrado em Engenharia Biomédica era novo e tinha um currículo muito diferente dos cursos tradicionais, com uma forte ênfase nas novas tecnologias médicas, pelo que fiquei muito interessada. Escolhi a Universidade do Minho porque era a mais recente e com melhores infraestruturas para lecionar um curso que exige muitos equipamentos de ponta e laboratórios. Foi uma escolha

acertada, pois adorei os anos que passei como aluna de Engenharia Biomédica. Penso que a crescente procura por este curso reflete a sua qualidade. Por exemplo, este ano de 2012, a média de entrada foi de 17,26 valores.

De onde vem o interesse pela investigação?

Como aluna de Engenharia Biomédica, sempre me interessei pela investigação inovadora que a Universidade do Minho desenvolvia e tentei desde cedo participar em projetos de investigação. Comecei por trabalhar em terapia fotodinâmica em 2005, num projeto em que o objetivo era tratar infeções provocadas por bactérias e fungos recorrendo a lasers. As pessoas devem conhecer, por exemplo, infeções causadas por fungos nas unhas, que são muito difíceis de tratar recorrendo a métodos convencionais. Como queria ver a aplicação da tecnologia a ajudar pessoas, voluntariei-me para colaborar na monitorização de ensaios clínicos no Hospital de São Marcos em



Isa Monteiro no laboratório do professor Robert Langer, no MIT.

Braga, em que nós tratávamos lesões pré-cancerosas da pele com a Terapia Fotodinâmica. Ao ver os resultados da nossa intervenção na melhoria das vidas dos doentes, percebi que a investigação nos dá a possibilidade de mudar o mundo para melhor e que, por isso, gostava de continuar a investigar... Uma vez que a Alemanha era (e ainda é) um país por excelência na vanguarda da tecnologia médica, comecei por essa altura também a estudar alemão, tendo em vista uma oportunidade de ir aprender mais na Alemanha.

Essa oportunidade de “aprender” mais na Alemanha veio a acontecer?

Sim. A minha professora de alemão incentivou-me a prestar provas para me candidatar a uma bolsa do Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (Deutscher Akademischer Austauschdienst, DAAD) para ir estudar alemão na Alemanha. Consegui

Percebi que a investigação nos dá a possibilidade de mudar o mundo para melhor

uma bolsa de dois meses em Munique, onde desenvolvi muito a minha comunicação em Alemão. Entretanto, candidatei-me a uma bolsa desta mesma instituição para jovens cientistas, que me foi concedida para continuar a minha investigação sobre Terapia Fotodinâmica, na conceituada universidade técnica RWTH Aachen, em colaboração com o Instituto Fraunhofer. Assim, desenvolvi o meu projeto de mestrado, em que o objetivo era tratar tumores cerebrais, utilizando um endoscópio minimamente invasivo.

Como surgiu a oportunidade de ir, posteriormente, para os

Estados Unidos?

Nesta altura, ou seja 2007, o meu plano era aceitar o convite de continuar a mesma linha de investigação na RWTH Aachen, fazendo aí o meu doutoramento. No entanto, esse mesmo ano foi marcado por um forte incentivo do governo português à investigação em colaboração com as melhores universidades norte-americanas. Um destes incentivos foi a criação do programa MIT-Portugal. O meu orientador na Alemanha aconselhou-me a candidatar-me, dado o prestígio e a oportunidade de aprender no MIT. Fui aceite neste programa, tendo escolhido a área de Bioengenharia e o tópico de Medicina Regenerativa para o meu doutoramento. Para o realizar, foi-me atribuída uma bolsa de quatro anos pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Depois da investigação na área da Terapia Fotodinâmica teve a oportu-